

GLOBALIZAÇÃO E AMBIVALÊNCIAS NO CONTEXTO DA INFLUENZA AVIÁRIA

Alysson Hubner¹⁸

RESUMO

O presente artigo traz uma discussão acerca da globalização e ambivalências no contexto da Influenza Aviária. Buscou-se relacionar esse fato à maneira em que o Estado passa a ser estruturado a partir da noção de risco na sociedade contemporânea, bem como as ambivalências passam a ser percebidas pelos representantes do Estado e das principais Agroindústrias do Estado de Santa Catarina. Assim, o artigo está dividido em três partes. Na primeira parte é citado um panorama geral da Influenza Aviária nas dimensões internacional, nacional e regional. A segunda parte trata da noção de risco e do papel do Estado frente à globalização, dentro da perspectiva teórica dos sociólogos Anthony Giddens e Ulrich Beck. A última parte analisa as ambivalências sob três dimensões: da possibilidade da Influenza Aviária incidir no Brasil; da noção de risco como um fator positivo e negativo; e da atuação dos meios de comunicação.

Palavras-chave: Globalização, Estado - nação, risco, ambivalência.

ABSTRACT:

The present paper discusses about the globalization and ambivalences in the Avian Flu context. This fact can be related to the way the Government begins to be structured influenced by the risk notion in the contemporary society and how the ambivalences becomes perceived by the Government and some Agro-industries members of Santa Catarina State. In this way, the paper is divided in three parts. In the first one is cited a general panorama of the Influenza Avian in the regional, national, and international dimensions. The second one treats about the risk notion and the State role considering the globalization, in the theoretical perspective of the sociologists Anthony Giddens and Ulrich Beck. The last part analyzes the ambivalences in three dimensions: the possibility of the Influenza Avian comes to Brazil; the risk notion as a negative and positive factor; and the media action.

Key-words: Globalization, State - nation, risk, ambivalence.

¹⁸ Graduação em Ciências Sociais pelo Centro Universitário Católico do Sudoeste do Paraná – UNICS, mestrado em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e doutorando em Sociologia na Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

1. INTRODUÇÃO

A noção de risco, amplamente difundida na teoria sociológica, faz com que a Influenza Aviária traga consigo grandes desafios para a disciplina. Embora o Brasil não tenha registrado nenhum caso de Influenza Aviária do tipo H5N1, as conseqüências de tal risco puderam ser sentidas no Estado de Santa Catarina com a diminuição das exportações de carne de frango, bem como a ameaça eminente do desemprego.

Foram realizadas entrevistas com os membros do CESAVI - Comitê Estadual de Sanidade Avícola do Estado de Santa Catarina - aonde participavam representantes das instituições públicas e privadas¹⁹, já que um dos escopos do trabalho foi o de realizar uma análise da interação social que ocorre entre o Estado e as Agroindústrias, uma vez que é no âmbito deste comitê que acontece a interação entre estes atores sociais. A partir do material teórico e empírico, foi possível analisar de que maneira o Estado passa a se constituir diante do risco.

O artigo inicia com um breve panorama geral da Influenza Aviária em um contexto internacional, nacional e regional, para em seguida, além da utilização do material empírico, analisar a questão da globalização e das ambivalências a partir de alguns dos principais autores da sociologia contemporânea como Anthony Giddens, Ulrich Beck e Zygmunt Bauman, assim como Jonh Hanigann e Julia Guivant a partir de uma perspectiva da sociologia ambiental.

2. PANORAMA GERAL DA INFLUENZA AVIÁRIA

O risco da Influenza Aviária representa um elevado custo social, tanto no que tange a alteração das práticas adotadas na produção das aves e que, portanto, passa a elevar o seu custo econômico, quanto ao risco de morte das pessoas, que em virtude da transformação do vírus e de um determinado modelo de produção, passou a representar um risco de vida para os seres humanos.

¹⁹ Os representantes dos seguintes órgãos públicos e privados foram entrevistados: ACAV: Associação Catarinense de Avicultura. EMBRAPA: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. FAESC: Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Santa Catarina. SAR: Secretaria da Agricultura e Desenvolvimento Rural de Santa Catarina. SFA/SC: Superintendência Federal de Agricultura em Santa Catarina. SINDICARNE: Sindicato das Indústrias de Carnes e Derivados do Estado de Santa Catarina. UDESC: Universidade do Estado de Santa Catarina

A estimativa internacional dos gastos com a Influenza Aviária em todo mundo é de que ela irá custar cerca de US\$1,25 trilhão à economia mundial (BANCO MUNDIAL²⁰), de acordo com um estudo divulgado no dia 3 de julho de 2006 pelo Banco Mundial. Estes gastos equivalem a quase três vezes o valor do PIB brasileiro de 2003, uma vez que neste mesmo ano foi de US\$ 498.426 milhões (FGV, 2006).

Na conjuntura internacional, a Influenza Aviária tem se alastrado ao longo dos últimos cinco anos de maneira progressiva, passando até o dia 6 de Junho de 2006 a registrar a morte de 128 pessoas, de um total de 225 infectadas pelo vírus, no período que transcorre do ano de 2003 até junho de 2006, conforme a Organização Mundial da Saúde (WHO,2006), o que confere uma taxa de mortalidade superior a cinquenta por cento das pessoas infectadas. Todos estes casos registrados aconteceram no continente asiático, europeu e africano. Nesse sentido a Influenza Aviária representa tanto um risco de morte para as pessoas, assim como um elevado custo econômico.

O número de trabalhadores na produção e no abate de aves no Brasil no ano de 2004 chegou a 209.882 empregados, dos quais todos possuem carteira assinada com um salário médio de R\$ 600, (DIEESE 2006). No Estado de Santa Catarina, o número de pessoas que trabalham nas três principais agroindústrias do Estado são de 10.229 trabalhadores na Sadia S.A., 12.058 na Perdigão Agroindustrial S.A. e 13.092 na Seara Alimentos S/A (FIESC, CIESC, SESI, SENAI, IEL 2004). O faturamento de cada empresa foi de R\$ 5,6 bilhões, R\$ 2,3 bilhões e R\$ 2,0 bilhões respectivamente (Idem). Assim, as exportações de carne de frango corresponderam a 19% do total de todas as exportações catarinenses no ano de 2005 (EPAGRI, 2006).

No Brasil o governo federal decretou em fevereiro de 2006 o *Plano Nacional de Prevenção a Influenza Aviária*, o qual estabelece uma série de medidas preventivas aonde estão congregados os setores da iniciativa pública e privada. Os recursos destinados para colocar em prática tal Plano estão em torno de R\$ 283 milhões²¹, dos quais até o dia 6 novembro de 2006 foram liberados pelo governo federal uma parcela de R\$ 40 milhões²². Contemplado neste Plano, dentre as

²⁰Jornal Zero Hora. Disponível em:
<http://www.clicrbs.com.br/especiais/jsp/default.jsp?template=2095.dwt&newsID=a1218843.htm&tab=00052&order=datepublished&espid=23§ion=&subTab=03270&colunista=&uf=1&local=1>
Consulta: setembro de 2006)

²¹Jornal Zero Hora. Disponível em:
<http://www.clicrbs.com.br/especiais/jsp/default.jsp?template=2095.dwt&newsID=a1260760.htm&tab=00052&order=datepublished&espid=23§ion=&subTab=03270&colunista=&uf=1&local=1>
Consulta: outubro de 2006

²²Jornal Zero Hora. Disponível em:

principais medidas preventivas adotadas no Estado de Santa Catarina podemos destacar: o *georeferenciamento*, que consiste na realização de um mapeamento de todas as propriedades; a *comunicação*, que incide na divulgação sobre o que é o vírus, como ele age e quais as medidas que podem ser adotadas; os *treinamentos*, aonde estão sendo preparados profissionais para agirem no caso da confirmação da presença da doença; dentre outras medidas.

Estas medidas só fazem sentido se forem entendidas através da globalização, uma vez que a relação de interdependência a qual a sociedade está submetida cria uma transcendência da presença do risco em um determinado local, mas passa a transcendê-lo. Com isso, a partir da próxima parte serão analisadas o processo de globalização e o papel do Estado.

3. GLOBALIZAÇÃO E O ESTADO

A globalização entendida enquanto um processo decorrente das sociedades modernas - e que se intensifica com a alta modernidade ou modernidade reflexiva²³ - pode ser compreendida dentro de uma nova dinâmica social que altera a forma como se estruturam as relações sociais. A própria Influenza Aviária pode ser entendida a partir da globalização, pois o termo permite compreender de que maneira a Influenza Aviária modifica estas relações, a partir de acontecimentos locais implicando em uma dimensão global.

De acordo com Anthony Giddens a globalização possui as seguintes características:

“A globalização pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa.”
(GIDDENS, 1991:69).

Com os acontecimentos locais tendo uma implicação global, é possível entender porque mesmo não havendo casos registrados de Influenza Aviária no Brasil e no Estado de Santa Catarina, estes tem a sua estrutura social modificada, na medida em que há uma compressão tempo-espacial, própria da sociedade atual.

<http://www.clicrbs.com.br/especiais/jsp/default.jsp?template=2095.dwt&newsID=a1310895.htm&tab=00052&order=datepublished&espid=23§ion=&subTab=03270&colunista=&uf=1&local=1>

Consulta: outubro de 2006

²³ Alta Modernidade e Modernização Reflexiva são termos cunhados por Anthony Guiddens e Ulrich Beck respectivamente, os quais se referem à sociedade contemporânea.

Vários mecanismos permitem essa alteração, como é o caso da forma praticamente instantânea de algumas informações pelo mundo, através dos meios de comunicação, assim como os meios de transporte, através de portos e aeroportos. Através disso o risco passa a ser difundido por meio destes canais que possibilitam estas trocas, seja de informação ou de mercadorias.

Em pesquisa de campo realizada junto aos membros do Comitê Estadual de Sanidade Avícola, - Comitê criado no Estado de Santa Catarina para debater e estabelecer normas preventivas à Influenza Aviária - também é observado de que maneira a atual estrutura de transportes propicia a anulação de obstáculos geográficos:

“hoje em dia não existe mais lugar distante no mundo, não é mais no tempo das caravanas que no lombo do camelo as coisas levavam... se atravessava o deserto com as especiarias. Hoje tu pega um contêiner, mete num porão de carga de um avião, em horas ele está no outro lado do mundo. Então esse tipo de situação existe”.
(Depoimento do representante da Superintendência Federal de Agricultura em Santa Catarina, SFA/SC).

Ao atribuir a não existência de lugares distantes no mundo, o entrevistado remete a uma característica própria das sociedades modernas, estabelecendo em seguida o contraponto com as sociedades tradicionais em que não está presente este tipo de situação. O contêiner é entendido enquanto um elemento que aniquila as distâncias, conforme uma das características da globalização, pois “a globalização significa o assassinato da distância” (BECK, 1999:47).

A noção de globalização é entendida por Ulrich Beck como um processo que está relacionado à transformação de uma série de dimensões tais como a economia, a informação, a ecologia, a técnica, etc.

“Globalização significa a experiência cotidiana da ação sem fronteiras nas dimensões da economia, da informação, da ecologia, da técnica, dos conflitos transculturais e da sociedade civil, e também o acolhimento de algo a um só tempo familiar mas que não se traduz em um conceito, que é de difícil compreensão mas que transforma o cotidiano com uma violência inegável e obriga a todos a se acomodarem à sua presença e a fornecer respostas. Dinheiro, tecnologia, mercadorias, informações e venenos ‘ultrapassam’ as fronteiras como se elas não existissem”. (BECK, 1999:47-49).

A transformação das diferentes esferas sociais no caso da Influenza Aviária é que ela não está acomodada a um determinado país, mas ultrapassa as fronteiras sociais, ou seja, culturais, econômicas, e também do próprio Estado.

Esta nova dinâmica a qual a sociedade acaba sendo submetida condiciona a uma nova análise acerca daquilo que representa o Estado. Conforme Ulrich Beck, o conceito de Estado-nação acaba não sendo mais central na análise sociológica, no sentido que ele representaria uma unidade em que se passa necessariamente pelo Estado, mas que o ultrapassa. *A priori* a superação das fronteiras estatais pode significar em alguns momentos a extinção do Estado. Todavia, isso não pode ser confundido com o aniquilamento do Estado, mas com sua transformação, o que é muito diferente, pois os Estados vêem-se obrigados à agir diante de um mundo globalizado, o que Ulrich Beck passa a denominar de Estados transnacionais. A emergência dos Estados transnacionais está apoiada nesta transformação que correlaciona-se a um mundo mais dinâmico.

As medidas que passam a ser adotadas pelos países em virtude do risco, advém em grande medida da OIE - Organização Internacional de Epizootias -, que representa a instituição a qual todos Estados acabam recorrendo, funcionando como um ponto de referência conforme pôde ser observado nos depoimentos dos membros do Comitê Estadual de Sanidade Avícola de Santa Catarina. A princípio, as normas a OIE poderiam “passar por cima” do Estado, na medida em que todos recorrem a ela, sendo suficiente analisar esta instituição. Todavia, o Estado não desaparece neste caso, pois ele ainda é importante na aceitação ou não das normativas. Segundo um dos membros do Comitê:

“a OIE ela não tem o poder legislativo, ela tem o poder orientativo. Toda legislação que a OIE nos coloca, do ponto de vista de regulamentação do comércio, ‘nós sugerimos isso aqui’, agora cada país é livre de você aceitar e não aceitar. Normalmente essas informações são aceitas porque existe um estudo técnico por trás, existem critérios e também porque se utiliza isso comercialmente essas informações, já que ela não recomenda eu não vou fazer’.
(Depoimento do representante do Sindicato das Indústrias de Carnes e Derivados do Estado de Santa Catarina, Sindicame).

Dessa maneira, obtém-se duas possibilidades: agir de acordo com a indicação da OIE ou não. De acordo com o depoimento, geralmente essas medidas são aceitas, o que só pode ser entendido em um mundo globalizado. Todavia, ainda que isso aconteça, a necessidade do Estado permanece para dar legitimidade, ou até no veto das normativas. Com isso, o Estado oscila ora para aceitar, ora para seguir outra trajetória.

Assim, há uma singularidade no Estado, aonde o processo acontece sob a perspectiva de duas variáveis paralelas, uma forma híbrida que estabelece uma interface entre as instituições nacionais e internacionais, o que pode ser entendido a

partir do que Beck sugere de Estados transacionais, sendo fruto neste caso da interação entre estas duas instituições.

A existência de determinadas cotas de exportação dos países importadores que são impostas sob a avicultura brasileira, estabelecendo determinadas quantias as quais não podem ser ultrapassadas para a exportação, também merece atenção para este entendimento. Nestas situações de comércio internacional, o Estado aparece como um elemento chave, como um ator negociador para a ampliação ou não das cotas em virtude de suas políticas. Segundo uma reportagem intitulada "Futuro da Avicultura Brasileira Depende de Governo Federal" escrita por Ariel Antonio Mendes, vice-presidente da UBA (União Brasileira de Avicultura), na Revista de Avicultura Industrial de outubro de 2006, na reportagem o governo brasileiro "depois de diversas reuniões, a EU aceitou ampliar o limite para importação de aves brasileiras para 336 mil toneladas, quando o proposto inicialmente pelos europeus era de 322 mil toneladas. (p.47 Revista Avicultura Industrial número 10, 2006, ANO 98, Edição 1150). Neste sentido o Estado procura representar os interesses das Agroindústrias, avicultores e da própria União, sendo que ele é quem detém o papel de agente negociador, pois "lá fora o país quer saber o que o que governo está fazendo, e não o que a Aurora, a Sadia, a Perdigão, a Seara estão fazendo. Então eles usam muito o que o governo está fazendo." (Depoimento do representante da "Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Santa Catarina", Faesc). Quem representa a unidade dos interesses nacionais é o Estado, cabendo a ele o papel de negociar diante de outros atores sociais internacionais. O Estado nestes casos tenta ampliar as cotas e demonstrar quais as medidas estão sendo adotadas, a fim de expandir a comercialização dos produtos para o setor.

A transformação do Estado em função da globalização pode ser entendida como a atribuição do papel de um ator social que garante legitimidade diante de outros atores sociais. De acordo com Jonh Hannigan (1995), um dos fatores para a construção social de um risco é a emergência de um patrocinador institucional garantindo legitimidade. O Estado nesse caso garante essa legitimidade, pois conforme os membros do Comitê, "As missões que vem de fora, eles não querem, as missões oficiais, elas não querem a empresa, eles não querem saber de determinada empresa se ela faz. Elas querem saber o que é que o governo faz." (Depoimento da representante da "Associação Catarinense de Avicultura", Acav). Em outro depoimento:

"cada empresa usa muito não só o que eles estão fazendo, mas o que o governo está falando, está fazendo, porque lá fora o país quer saber o que o governo está fazendo, e não o que a Aurora, a Sadia, a Perdigão, a Seara estão fazendo. Então eles usam muito o que o governo está fazendo". (Depoimento do representante da

“Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Santa Catarina”,
Faesc)

Desta maneira, as ações das empresas isoladas não possuem o reconhecimento internacional, podendo tornar algumas medidas sem relevância ou até estereis frente a estes outros atores. Todavia, com o governo referenciando as atitudes tomadas, ele garante esse reconhecimento.

As práticas adotadas pelos avicultores no Brasil são o resultado de acontecimentos ocorrendo a milhares de quilômetros de distância, tendo como intermediário o Estado. O Estado nesse sentido se transforma, não podendo mais ser entendido enquanto um estado - nação soberano, de acordo com a teoria social clássica. Mas que em virtude da globalização, com os registros de Influenza Aviária do outro lado do mundo, passam a ser estabelecidas medidas preventivas que são também o produto das pressões da iniciativa privada nacional e internacional, o que lhe caracteriza enquanto transnacional. Assim, às mudanças das práticas sociais a partir da emergência da Influenza Aviária, só se torna possível em um mundo dinâmico, flexível, e, portanto, globalizado.

4. AMBIVALÊNCIAS

Na perspectiva da globalização, as ambivalências constituem outra característica importante da sociedade contemporânea. Assim, a alta modernidade ou modernização reflexiva, (sendo que ambas referem-se à sociedade contemporânea caracterizada por Anthony Giddens no primeiro caso, e Ulrich Beck no segundo caso) é o contexto social em que as ambivalências emergem para tornarem-se uma de suas características mais específicas.

O fato de que as pessoas tendem cada vez mais a ter que decidir o que fazer em meio às informações conflitantes é observado como um fator presente na sociedade contemporânea. *“Tome o caso do vinho tinto. Como outras bebidas alcoólicas, o vinho tinto era outrora considerado prejudicial à saúde. Depois a pesquisa indicou que tomar vinho tinto em quantidades moderadas protege contra doenças cardíacas”* (GIDDENS, 2002: 41). Com a percepção das ambivalências difusas na sociedade, é possível entender como ela perpassa os diferentes resultados que podem ser inferidos pelos cientistas, bem como é observado por um membro do Comitê, que constata estas mudanças nas indicações científicas. *“O ovo, tu pode ver a Veja tem trabalhado, trabalhando não, tem feito matéria sobre isso aí, quer dizer, ovo hoje é remédio, até outro dia era veneno o ovo. Hoje é remédio.”* (Representante da Universidade do Estado de Santa Catarina, Udesc). Isso significa que a mesma ciência que realiza uma determinada afirmação, pode

mudar o seu conteúdo de tal sorte, que ele indique um caminho contrário daquele que foi assumido outrora.

Dessa maneira torna-se cada vez mais individualizada as escolhas dos agentes, uma vez que cabem a eles ter que escolher em meio a estas informações – muitas vezes desencontradas ou que mudam constantemente -, o que fazer. São as ações das pessoas comuns em meio às ambivalências.

Neste estudo foi possível observar as ambivalências remetendo a três campos. O primeiro refere-se às duas posições sobre a possibilidade da Influenza Aviária vir ao Brasil. A segunda está relacionada ao risco em si como fator positivo e negativo. E a terceira diz respeito aos meios de comunicação.

4.1. Ambivalência do risco da Influenza Aviária no Brasil e no Estado de Santa Catarina

A ambivalência é percebida pela maioria dos membros do Comitê. Dos sete membros entrevistados, quatro identificam a presença da ambivalência na questão das proposições científicas sobre a possibilidade de vinda da Influenza Aviária para o Brasil e no Estado de Santa Catarina. Dois não identificam essa ambivalência, pois remetem a um consenso sobre o assunto. E outro não respondeu. Dessa maneira, é possível analisar o conteúdo da ambivalência no depoimento da maior parte dos membros do Comitê.

O primeiro grupo, aqueles que percebem a existência da ambivalência, se aproximam mais daquilo que Zygmunt Bauman define como característica de uma sociedade que concebe a existência da ambivalência no seu meio social. *“Em vez disso, um bocado de ambivalência semiótica e axiológica emerge para se tornar uma característica permanente da existência social, em vez de uma transitória falha dela ainda não consertada”* (BAUMAN, 1999:60). A partir disso, é identificado pela maior parte dos membros que compõe o Comitê, duas proposições que estão sendo inferidas sob o mesmo objeto de análise, percebendo a ambivalência como inerente à dinâmica da atividade científica, estando presente nesse processo de construção do conhecimento científico.

A seguir são analisados três depoimentos em que estão presentes estas ambivalências. No primeiro depoimento o membro do Comitê afirma.

“Não há consenso. Não há consenso porque eu já vi as duas posições colocadas. Tanto alguém que analisou as correntes migratórias de aves silvestres, e a possibilidade de dispersão dessa doença; se uma vez trazida por ser humano para cá, por alguém, algum viajante contaminado e tal, e pessoa diz ‘olha, se adotadas as medidas corretas ela não terá probabilidade de se estabelecer no país, até pode chegar, mas não vai se estabelecer.” (Depoimento do

representante da “Superintendência Federal de Agricultura em Santa Catarina”, SFA/SC).

Quando o entrevistado afirma que ‘já vi as duas posições colocadas’, isso descreve uma característica própria da sociedade contemporânea. Dificilmente esta idéia poderia ser concebida em tempos ulteriores, mas somente em uma época em que a ambivalência é legitimada enquanto um elemento subjacente a esse processo. A seguir, o mesmo membro do Comitê exemplifica o conteúdo das diferentes proposições, e como elas apontam para lados opostos.

Isso também se refere a como às segundas proposições decorrem de proposições ulteriores, ou seja, aquilo que Latour no livro *Ciência em Ação* afirma acerca de uma determinada afirmação científica, pois ela em si mesma pode não ter muita relevância, mas isso depende de um processo coletivo, em que as outras proposições acerca desta afirmação – geralmente realizada por cientistas - estarão sendo inferidas. E estas direções podem apontar para vários lados, em meio às controvérsias, como no caso da Influenza Aviária. Assim, a premissa de que “*uma afirmação depende das afirmações ulteriores*” (LATOIR, 2000:50), decorre em como essas afirmações serão usadas pelos outros. Mais tarde isso vai depender, de como as afirmações das diferentes proposições serão usadas nos textos que as incorporam, daquilo que vai acontecer com elas posteriormente.

No segundo depoimento o entrevistado afirma:

“a gente tem opiniões diferenciadas. ... sempre tem aqueles que acham que amanhã vai acontecer. Mas os que estão mais assim, vamos dizer, no dia a dia, que tem se dedicado mais a isso, que conhecem os processos, eles são um pouquinho mais ponderados.”
(Depoimento da representante da “Associação Catarinense de Avicultura”, Acav).

Neste depoimento as formas diversas, ou seja, o que o membro denomina como ‘opiniões diferenciadas’, são explicadas pelas diferentes formas que os cientistas possuem com a sua atividade, ao tipo de relação que eles estabelecem no plano pragmático, sendo que aqueles que possuem um maior contato com a prática de campo, que possuem um maior contato com os avicultores neste caso, possuem uma determinada postura, atribuindo uma minimização ao risco. Já aqueles que estão mais ‘distantes’ desta praticidade, possuem uma visão diferenciada em como conceber o risco, achando que ‘amanha vai acontecer’, percebendo-o com maior possibilidade de ocorrer.

No terceiro depoimento, o entrevistado inicia sua fala sobre a dificuldade em discorrer acerca do assunto, em vista da falta de consenso existente sobre a temática:

“Na verdade não tem um consenso. E é muito difícil opinar sobre isso. Como a gente vai... Ninguém sabe o que vai acontecer no futuro. Tu tem algumas informações que você pode, de repente, dar uma probabilidade para o futuro. Mas você dizer que isso vai acontecer no futuro, não tem, porque é futuro. Então dificilmente alguém vai poder dizer: vai vir. E dificilmente alguém pode dizer: não vai vir. Então assim, probabilidade existe. Existe probabilidade, não existe consenso, tem uns que são mais. Toda; qualquer assunto uns tem um pouco mais pessimistas. Tem que fazer um cenário pessimista, otimista e o conservador. Eu prefiro ser um pouco mais conservador e realista. (Depoimento do representante da “Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Santa Catarina”, Faesc)

A questão sobre a predição é percebida como um elemento praticamente impossível de operar na lógica científica, uma vez que o futuro passa a estar em aberto. Isso também pode ser explicado pelo fato da indeterminação nas futuras formas que possam assumir os vínculos de relacionamento entre as diferentes esferas naturais e sociais. O termo ‘probabilidade’ substitui uma noção enfática, para que os cientistas possam remeter suas proposições ao futuro. As formas ambivalentes aparecem como os ‘pessimistas’ e os ‘otimistas’. Os pessimistas estariam em determinado campo que caracteriza o risco como inevitável, sendo que as medidas não são efetivas, mas são estéreis frente ao risco. Já os otimistas acreditam que embora o risco exista, as medidas fornecem um instrumento que permite minimizá-lo ou evitá-lo.

Como pôde ser observado nos depoimentos, a maioria dos membros do Comitê compartilha da idéia de que o risco da Influenza Aviária vir ao país é muito baixo. Estas conclusões são advindas de um determinado campo científico embasado a partir de estudos da OIE, e dos próprios cientistas que compõem o Comitê e que possuem um conhecimento apurado acerca da atividade avícola e que, portanto, possuem uma determinada posição sobre o risco. Por outro lado, essas conclusões não são unívocas. No encontro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC - realizado na Universidade Federal de Santa Catarina no dia 18 de julho de 2006, o Dr. Edison Luiz Durigon da Universidade de São Paulo - USP -, em uma conferência sobre a Gripe Aviária, ressaltou como o modelo de criação existente na Ásia - lugar onde emergiu a doença - é muito similar a alguns lugares do Brasil, onde os animais domésticos, frangos, porcos, patos, convivem simultaneamente com os animais silvestres, o que dificulta - no caso de surgir o H5N1 - estabelecer medidas de combate e de propagação do vírus, na medida em que esta é a forma pela qual o vírus se propaga mais rapidamente, e este modelo de

criação faz parte de algumas localidades brasileiras. Para ilustrar esse exemplo, citou o caso da França onde foi identificado o vírus e as medidas adotadas pelo Estado, sendo que para isolar a área contaminada que consistia em não deixar expostos os frangos com os demais animais, surtiu efeito, uma vez que o manejo já era diferente, o que fez com que dentro de poucos dias a doença estivesse sob controle. Com isso, no Brasil o estabelecimento de tal prática seria mais problemática, em vista do manejo com os animais ser configurado da forma citada anteriormente. Desta maneira, é possível identificar duas posições científicas que apontam para perspectivas diferentes.

4.2. Ambivalência do risco em si: fatores positivos e negativos

Além de assumir uma perspectiva multidimensional da modernidade, uma das suas características essenciais, de acordo com Giddens (1991), é que ela ao mesmo tempo em que cria uma série de possibilidades, também cria riscos para a sociedade. Estes mesmos riscos também possuem um caráter dúbio, um lado positivo e um lado negativo (Giddens, 2002, 2002). Desta maneira, passamos a analisar o risco a partir de uma perspectiva que assume um caráter favorável e um adverso.

A percepção dos fatores negativos da Influenza Aviária por parte de seis membros do Comitê, de um total de sete, é que no caso da Influenza Aviária ser detectada no país, as conseqüências seriam graves. “É o caos” (Udesc). “Isso é muito desastroso se viesse.” (Faesc). “Iria ser horrível!” (Embrapa). “É um estrago.” (Acav). “Vai haver uma perda muito grande”. (SASC). “Seria realmente um prejuízo muito grande” (SFA/SC). Os termos, ‘caos’, ‘desastroso’, ‘horrível’, ‘desastroso’, ‘perda’ e ‘prejuízo’, denotam a referência a um risco de graves conseqüências.

A explicação para este fato se deve a importância que o setor avícola possui para a sociedade catarinense. A amplitude da rede formada neste caso é extensa, uma vez que vários atores sociais estão envolvidos nela. De acordo com um membro do Comitê, existe um estudo que indica que para cada emprego direto do setor avícola, existem muitos empregos indiretos. Como pôde ser verificado nos depoimentos, a relação de dependência para com o setor é forte:

“A nossa economia é muito pautada nessa produção... é um processo que depende do outro, são milhões de pessoas que dependem de emprego, que por si transportam produto, outros que vendem pneu daquele que transporta, e outro que vende caminhão. (Embrapa). “Com certeza o impacto de vir isso para o Brasil vai ser catastrófico, porque a única coisa que pode tirar a gente dessa, do mercado mesmo é um surto de Gripe Aviária hoje. Porque as outras coisas a gente tem trabalhado”. “É alguns milhões que se perdem aí,

porque isso acaba impactando não só em aves, acaba impactando as exportações de suínos.” (Acav). “Ta todo mundo envolvido, o prejuízo é generalizado. Desde o cara do posto de gasolina ali também, o cara vai vender menos gasolina. O frete, o caminhão, quer dizer, eu falei que é um caos porque pega todo mundo... Aquele cara que não tem nada haver com avicultura, mas que tem uma merceariazinha lá não sei aonde, esse cara ta ferrado também... Tu pega o Estado, cai renda, consumo, a arrecadação de impostos vai cair violentamente também. Vai cair por um lado tanto. Tu pega, vamos dizer que você seja o dono de uma agroindústria dessa aí. Tu vai recolher impostos na ocasião? Tu vai segurar. Tu vai querer sobreviver. Imposto eu pago depois, porque já caiu o negócio extraordinário, imposto eu pago depois, agora não vou pagar porque eu tenho que sobreviver. Então realmente, é uma, vai pegar, pegaria todo mundo.” (Depoimento do representante da Universidade do Estado de Santa Catarina, Udesc).

A Influenza Aviária seria o único fator que poderia tirar o Brasil do mercado internacional, uma vez que as demais variáveis são percebidas enquanto fatores que não apresentam um risco significativo. Nestes depoimentos é possível observar alguns setores e atores sociais que a princípio não teriam nenhuma relação com o setor, como ‘os que vendem pneu’, que ‘transportam o produto’, ‘que vendem caminhão’, ‘as exportações de suíno’, o ‘posto de gasolina’, a ‘mercearinhasinha’, ‘impostos’ etc. Todavia, estes outros atores e setores sociais que aparentemente podem não ter relação com a atividade, estabelecem uma relação de interdependência em virtude da constituição da estrutura social que é recíproca, a qual estaria englobando grande parte da sociedade, o que se intensifica na sociedade globalizada como pôde ser observado em Beck (1997, 1998) e Guiddens (1991, 2002). Também aparece um elemento importante que se refere às necessidades mais urgentes dos avicultores. No caso hipotético de um surto de Influenza, possivelmente os avicultores não pagariam as dívidas, na medida em que possuem outras prioridades. Neste sentido, as aplicações das medidas podem ser diferentes, pois *“as prioridades de investimento podem ser outras, face às necessidades consideradas mais prementes”* (GUIVANT, 1999:109). Neste caso de uma possível Influenza Aviária no país, estas necessidades remetem à questão de subsistência dos avicultores face ao pagamento de impostos e outras dívidas.

De acordo com um dos membros do Comitê, outros fatores que transcendem a questão econômica estão atrelados, como no caso da dimensão moral e psicológica:

“a pessoa pode não ter Influenza Aviária, mas com certeza vai ficar doente. Porque a crise moral e todo processo psicológico que vai desencadear, seria muito difícil. Então o grande medo em áreas de

grande concentração, como somos todos sul aqui é esse, o impacto não é só econômico, quer dizer, é moral, é social, é como aquela bomba, que cai e espalha, quer dizer, surgiu um foco, as conseqüências são enormes, porque atingem todo, não é só o mercado.” ((Depoimento da representante da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Embrapa)

Neste depoimento, a doença se refere a algo que transcende o vírus em si, não se limita à mortalidade de seres humanos e animais, mas desencadeia uma crise mais ampla, em que a moral e o processo psicológico estão presentes na crise, analogamente a uma bomba que ao destruir com a vida dos seres humanos em uma determinada região, aniquila com a vida dos animais, das plantas e toda infraestrutura presente no local em que ela foi lançada.

A percepção dos fatores positivos da Influenza Aviária estão presentes em cinco dos sete membros do Comitê que foram entrevistados. Nestas ocasiões em que o risco pode trazer benefícios estão atreladas ao fato da Influenza Aviária estar presente nos outros países, e não no Brasil e no Estado de Santa Catarina. Desta maneira, de acordo com os membros do Comitê, o Brasil já teria se beneficiado em virtude da não existência do vírus no país e com um dos principais concorrentes tendo presente em seu país o H5N1. *“O Brasil já se beneficiou em função disso aí. Por exemplo, tem uma série de mercados, a Tailândia, tinha a Tailândia, não é que eles se comparem com o Brasil, mas era um grande exportador a Tailândia, esse mercado o Brasil pegou tudo. (Udesc).* Outro membro do Comitê também observa: *“A gente já tem algumas vantagens, porque os nossos principais competidores estão com problemas de Influenza”. (Acav).* Com a doença longe do país, o Brasil e o Estado de Santa Catarina acabaram se beneficiando posteriormente. Mas isso só ocorreu em um segundo momento, pois as exportações em um primeiro momento retraíram em virtude do consumo nos países importadores ter diminuído. Todavia, esse consumo voltou em poucas semanas ao que era antes, mudando somente o local de onde provém o produto, conseqüentemente trazendo vantagens para o mercado brasileiro.

O risco pode ser visto como uma oportunidade, na medida em que as ações de bio segurança começaram a ser tomadas de maneira mais efetiva a partir da possibilidade da doença, pois estas medidas não eram levadas com seriedade outrora.

“Não é a vantagem, mas a oportunidade de, desse medo que aconteceu, isso não é bom, mas digo, esse susto que aconteceu fez com que a gente ficasse mais alerta, e todo mundo, pessoas que achavam que controle, o cuidado era um exagero... Agora talvez não, realmente vão fazer isso. Então eu vejo que essa

conscientização que é uma coisa muito importante, aconteceu em função desse susto.” (Depoimento da representante da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Embrapa)

O membro do Comitê prefere não utilizar a palavra vantagem por estar carregada de significados econômicos, o que implicaria reduzir o conceito apenas ao que toca a questão econômica, pois, como visto, o risco transcende a dimensão econômica e por isso a utilização da palavra “oportunidade” no seu lugar. As instituições sociais conseguem se articular de outra maneira em função do risco. *“Porque teve susto, esta havendo uma conscientização, maior empenho, maior entrosamento entre as instituições, o que faz com que a gente progrida, nesse caso. (Embrapa). O tipo de relacionamento entre as esferas pública e privada muda, entre as próprias agroindústrias, agroindústrias e avicultores, toda uma rede que passa a existir e se entrosar sob uma perspectiva mais eficiente e satisfatória.*

Outro evento que resulta em uma perspectiva positiva do risco está relacionado à geração de empregos que surgiram, com a Influenza Aviária criando uma nova demanda. *“Então novos empregos, isso tudo surgiu também, porque em função da demanda Influenza, contratou muitas pessoas, contratos emergenciais, com grupos emergenciais e que era necessário para fortalecer o nosso serviço público sanitário”. (Embrapa). As equipes que passam a ser contratadas tanto pela iniciativa pública como pela privada, implicam na geração de empregos, com os técnicos que necessitam ser treinados através de simulações para atuar em um possível foco da doença, os profissionais que treinam estes mesmos técnicos, laboratórios para fazer análises, as pessoas que trabalham nas empresas que fornecem os equipamentos para a adoção das medidas, além de outros que surgem indiretamente.*

4.3. Ambivalência dos meios de comunicação

Os meios de comunicação também possuem um caráter ambivalente, na medida em que ao mesmo tempo em que podem ser considerados um fator que cria o risco em cima de manchetes consideradas sensacionalistas, trazendo conseqüências negativas, ao mesmo tempo é através destas manchetes que é possível garantir uma maior possibilidade de que as medidas serão tomadas.

De acordo com os membros do Comitê, os meios de comunicação imputam uma potencialidade ao risco que não corresponde com aquilo que efetivamente o risco é, ou seja, como ele se apresenta em virtude do modo de produção da avicultura brasileira. Muitas vezes essa geração de notícias não possui uma responsabilidade ou um comprometimento com o que ela possa gerar, causando um pânico desnecessário na sociedade. Conforme um depoimento:

“É um prejuízo que já ocorreu quando a imprensa começou a divulgar, a questão da Influenza Aviária e tal, baixou tanto o consumo interno desse alimento, da carne de aves, como também, como eu te disse, mercados importantes para o produto nacional fecharam, Japão, Itália e tal, reduziram a compra porque o consumo interno desses países também baixou, reduziu. É um reflexo da população, ela, ‘pô, eu escuto um negócio na mídia ela parte pra outra, não, não, eu não vou comer frango, vou comer peixe, carne bovina, tal, até que eu entenda bem o que é isso,’ é uma reação natural” (Depoimento do representante da Superintendência Federal de Agricultura em Santa Catarina, SFA/SC).

Em outro depoimento: *“O cara via um frango. ‘Puts, mas eu não vou comprar um frango vou comprar outra coisa’, pára o consumo.”* (Faesc). Como pode ser observado, a imprensa é percebida como um fator causal na diminuição do consumo de carne de frango, uma vez que os mercados internacionais se fecharam em função da redução do consumo. As pessoas teriam medo do que é desconhecido, passando a consumir outros tipos de carnes.

Todavia, em um primeiro momento o que torna-se desconhecido passa a partir da experiência prática dos agentes, a ser questionado pelos próprios consumidores. O depoimento a seguir, denota como os agentes passam a ter uma retração no consumo em virtude de determinadas notícias, mas após esse quadro pode mudar. *“Agora, fizeram o que? Aquele alarido lá em cima, sem nem informar nada e de repente não... Uma situação que acontece....(Udesc).* Nesta parte o entrevistado se referia a como a imprensa tem tratado a questão da Influenza Aviária, a qual estaria apenas fazendo um ‘alarido’, sem informar nada, remetendo a uma dimensão sensacionalista. E segue:

“Se você fica muito preocupado, em uma determinada situação. Tá preocupado, faz seguinte. ‘Ó, se você for para São Paulo lá o assalto é um negócio é desgraçado’. Você vai lá, fica uma semana, fica duas ali preocupado, eu vou ser assaltado. E você o que? Você relaxa. ‘Puts, eu não tava nem saindo na noite e agora eu to saindo a noite. Aqui não tem esse negócio de assalto’. Eu vejo muito por esse lado a coisa. Tu vê, tu vê: ‘Ah, tem nada haver isso aí não’. Em geral se você pegar, qualquer situação que se tenha informado: ‘ó, o negócio é o seguinte’. Pegue a coca-cola. A coca-cola tem um produto aí que traz um problema danado aí para, libido do sujeito aí. Publica isso aí. Vai cair a coca-cola com certeza, mas dali a pouco ela vai, ‘ah, também não é tudo isso’. Então volta. Eu vejo a tendência, tudo quanto é situação é isso aí. No primeiro momento dá aquele impacto, e depois ‘ah, não, mas não é bem assim também

esse negócio'." (Depoimento do representante da Universidade do Estado de Santa Catarina, Udesc).

O entrevistado utiliza-se de algumas analogias para exemplificar como se procede o comportamento dos agentes. É possível separar em duas partes o processo. A primeira é uma modificação na prática social, a qual em virtude daquilo que foi noticiado e é desconhecido pelo agente passa a não fazer mais parte de sua prática, como no caso exemplificado, não consumir mais carne de frango, não andar nas ruas de São Paulo e não ingerir Coca-Cola. Em um segundo momento, a partir do confronto da informação com a experiência prática das pessoas, essas ações tomam outra direção, como no caso citado os agentes voltam a consumir carne de frango, a sair de noite e andar pelas ruas de São Paulo, e beber Coca-Cola.

A experiência de vida dos agentes é importante neste sentido, pois, de acordo com Giddens (2003), os agentes são dotados de reflexividade, são reflexivos. Isso significa que eles identificam a estrutura, podendo passar a entendê-la sob formas diversas. Neste sentido é possível afirmar que se os agentes não fossem reflexivos, dotados de consciência prática e discursiva, possivelmente agiriam somente de acordo com fatores exógenos, como por exemplo, a imprensa. Como é possível verificar, a imprensa é um fator importante para a explicação das práticas sociais, mas não é suficiente, uma vez que isso depende de como essas notícias serão percebidas pelos agentes, o que muitas vezes não pode ser pré-determinado.

No mesmo sentido, a questão do alarmismo pode ser considerada como um instrumento que propicia a maior possibilidade de que as medidas serão tomadas por aqueles que são responsáveis pela sua tomada. *"As coisas são ainda mais complexas... Paradoxalmente, o alarmismo pode ser necessário para reduzir os riscos que enfrentamos"*. (GIDDENS, 2002: 40). Com isso, surge a idéia de que a mídia pode ter propiciado uma mobilização em torno da Influenza Aviária, e que se esse mesmo alarmismo não tivesse sido realizado, as medidas poderiam não ter sido realizadas no plano pragmático e conseqüentemente poderíamos estar mais expostos ao risco.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O risco da Influenza Aviária só pode ser entendido em um mundo globalizado. A noção de globalização permitiu entender de que maneira a existência de um risco transcende a sua existência física em um determinado local, mas está relacionada a uma compressão tempo-espacial, estabelecendo, portanto, um estreitamento entre o local e o global. Simultaneamente emerge uma discussão acerca do papel do Estado, uma vez que a principio a globalização pode sugerir a

eliminação do mesmo. Todavia, como foi possível observar, ao invés da sua eliminação existe a sua transformação, pois o Estado continua tendo um papel relevante, seja na adoção ou não das medidas preventivas - mesmo que não tenha sido diretamente criado por ele, mas por outras instituições -, seja como um ator que garante legitimidade diante de outros atores sociais, sendo a instituição que garante tal legitimidade.

As ambivalências constituíram uma outra perspectiva importante, remetendo a três aspectos: da possibilidade da Influenza Aviária vir ao Brasil, na medida em que a maioria dos membros do Comitê percebe uma falta de consenso na comunidade científica sobre esta questão; já a ambivalência dos meios de comunicação não é percebida pelos membros do Comitê, que na sua maioria percebe a dimensão sensacionalista da mídia, muitas vezes considerando-a como uma espécie de “bode espiatório” como se fosse à única responsável por um prejuízo ao setor avícola, não considerando que justamente esse fato de ser sensacionalista pode desencadear em uma efetiva ação no risco, como observado por Giddens (2002); e a ambivalência do risco em si, que é percebida pelos membros do Comitê, uma vez que estes fazem referencia ao fato de haver um risco de graves conseqüências, mas que ao mesmo tempo pode trazer vantagens no caso de não haver Influenza Aviária no Estado de Santa Catarina.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 1999.

BECK, Ulrich. *La Sociedad del Riesgo: Hacia una nueva modernidad*. Piados: Barcelona, 1998.

_____. *O que é Globalização? Equívocos do Globalismo. Respostas à Globalização*. Paz e Terra: São Paulo, 1999.

BECK, Ulrich. GIDDENS, Anthony. LASH, Scott. *Modernização Reflexiva*. Unesp: São Paulo, 1997.

DIEESE, Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio Econômicos. *A Gripe Aviária e o Impacto Sobre os Trabalhadores*. Nota Técnica. Número 20 de Abril de 2006. disponível no site: <http://www.dieese.org.br/notatecnica/notatec20gripeAviaria.pdf>

Consulta: junho de 2006

EPAGRI. Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina.
Disponível em: http://cepa.epagri.sc.gov.br/agroindicadores/exp_sc_valor.htm
Consulta: setembro de 2006

GIDDENS, Anthony. *A Constituição da Sociedade*. Martins Fontes: São Paulo, 2003.

_____. *As Conseqüências da Modernidade*. Unesp: São Paulo, 1991.

_____. *Mundo em Descontrole*. Record: Rio de Janeiro e São Paulo, 2002.

GUIVANT, Júlia. *As Duas Caras de Jano: Agroindústrias e Agricultura Familiar Diante da Questão Ambiental*. Cadernos de Ciência e Tecnologia, Brasília, v.6. n.3, p.85-128, set./dez.1999.

_____. Sustentabilidade e Métodos Participativos: Os Riscos dos Pressupostos Realistas. Estudos Sociedade e Agricultura, n.19, Outubro 2002: 72-88.

HANNIGAN, John. *Sociologia Ambiental. A formação de uma perspectiva social*. Perspectivas Ecológicas:Lisboa, 1995.

LATOUR, Bruno. *Ciência em Ação*. Unesp: São Paulo, 2000.

_____. *Reassembling the social. An introduction to Actor-Network-Theory*. Oxford: Oxford University press. (Introduction). 2005.

FIESC, CIESC, SESI, SENAI, IEL. Santa Catarina em Dados. Sistema Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina 2004.

WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais*. Cortez: São Paulo,2001.

Revista Avicultura Industrial número 10, 2006, ANO 98, Edição 1150